



XXVII ENFERMAIO

Enfermagem e Bem viver: os caminhos para a saúde da população em territórios fragmentados

Realização:



Apoio:



VIVÊNCIA DE GRADUANDOS DE ENFERMAGEM EM PESQUISA COM PESSOAS VIVENDO COM HIV : RELATO DE EXPERIÊNCIA

Antonio da Rocha de Miranda¹

Kaio Willyan Magalhães Alves²

Mariana Olimpio da Silva³

Wellington da Silva Junior⁴

Mayara Nascimento de Vasconcelos⁵

Maria Lúcia Duarte Pereira⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO- EIXO 4.1.1: Enfermagem e Bem Viver

RESUMO

OBJETIVO: Relatar a experiência de graduandos de enfermagem durante a coleta de dados de uma pesquisa com pessoas vivendo com HIV. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, sobre a atuação de integrantes do grupo de pesquisa clínica e epidemiologia das doenças infecciosas e parasitárias durante a realização da coleta de dados para análise das evidências de validade de um instrumento de mensuração do risco cardiovascular em pessoas vivendo com HIV. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** trabalhar com pacientes vivendo com HIV possibilitou aos alunos de graduação uma série de aprendizagens, como compreender a importância do acolhimento e da escuta ativa, desenvolver habilidades de comunicação não verbal para transmitir conforto e segurança, e entender a importância da ética profissional no contexto de saúde. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Esse breve momento dentro das etapas da realização de um projeto de pesquisa, ainda como graduandos de enfermagem, gerou uma oportunidade de experimentar e conhecer um hospital de referência em doenças infecciosas.

Palavras-chave: Coleta de dados; Enfermagem; HIV.

INTRODUÇÃO

1. Graduando em Enfermagem da Universidade Estadual.
 2. Graduando em Enfermagem da Universidade Estadual.
 3. Graduando em Enfermagem da Universidade Estadual.
 4. Graduando em Enfermagem da Universidade Estadual.
 5. Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará
 6. Doutora em Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará.
- E-mail do autor: rocha.miranda@aluno.uece.br

Entre os anos de 2020 e 2022, o número de casos de infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) aumentou 17,2% no Brasil, destacando-se as regiões Norte (35,2%) e Nordeste (22,9%) (Brasil, 2023). Diante do exposto, pode-se considerar que esse aumento fomenta uma preocupação sobre a vida das pessoas com HIV, à luz da ideia de que algumas delas estão inseridas numa realidade social hostil.

Desde o princípio da história da infecção pelo HIV, com os primeiros diagnósticos da aids, um constructo social preconceituoso e estigmatizante permeia a vida de quem vive com o vírus. A moral dominante, patriarcal e heteronormativa da sociedade, vigente até os dias atuais, sentenciou, de modo irreversível, que viver com HIV/aids implica em exercer uma prática sexual excessiva, desviante e desregrada (Fernandes; Bruns, 2021). Panorama que excita uma reflexão acerca da necessidade de um olhar atento para essa população.

Nessa perspectiva, a Lei 12.984/2014 tornou crime punível com reclusão e multa, atos de discriminação contra pessoas vivendo com HIV/aids (Brasil, 2014). Apesar disso, a exclusão social é uma das consequências do estigma e da discriminação que afetam frequentemente esses segmentos da sociedade (Un aids, 2019), de maneira a excitar a necessidade de ações que prezam pelo acolhimento e valorização da vida desses indivíduos.

À ótica da Enfermagem na saúde pública, o profissional enfermeiro é reconhecido pela capacidade e habilidade que possui para compreender o ser humano holisticamente, pela integralidade da assistência à saúde e pela capacidade de acolher e identificar-se com as necessidades da comunidade (Costa, 2015). Desse modo, observa-se que a prática da enfermagem comporta condutas de atenção que convergem para o atendimento da população com HIV/aids.

Assim, diante da importância de promover a ética humanística na formação de enfermeiros, sob a necessidade de vencer a hostilidade social contra as pessoas HIV, considera-se ímpar inserir os graduandos de enfermagem em campo. A vivência da atenção, por intermédio da “escuta ativa”, sugere uma maior capacidade de compreensão e responsividade para com o outro (Moura; Giannella, 2016).

Além disso, reforça-se a relevância da pesquisa no panorama de habilidades do enfermeiro em formação, uma vez que, o desenvolvimento da atitude investigativa no estudante, tem repercussão favorável à aplicação dos conhecimentos científicos na futura prática profissional. Dessa forma, em busca de criar um profissional apto a intervir nas situações-problema de forma humanista, crítica e reflexiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem (DCNE) contemplam práticas tocantes à pesquisa científica desde o conhecimento sobre como chegar no paciente ao exercício da coleta de dados (Begui *et al.*,

2020).

Com isso, o presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência de graduandos em enfermagem durante a coleta de dados de uma pesquisa com pessoas vivendo com HIV.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, do tipo relato de experiência, sobre a atuação de integrantes do Grupo de Pesquisa Clínica e Epidemiologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias (CEDIP), de uma universidade pública do estado do Ceará, durante a realização da coleta de dados de uma pesquisa científica no Hospital São José de Doenças Infecciosas, localizado na cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil, e referência no diagnóstico e tratamento de pacientes com HIV.

As atividades aconteceram no espaço ambulatorial do Hospital São José, de outubro de 2023 a março de 2024. A pesquisadora responsável (enfermeira doutoranda do CEDIP) realizou treinamento de forma remota com os discentes, no qual foram instruídos sobre a pesquisa, o funcionamento do local, a coleta de dados e como abordar os participantes da pesquisa. No dia da coleta, foi realizada uma sessão de treinamento adicional, durante a qual foram esclarecidas dúvidas sobre conduta e ética profissional. Após esse momento de preparação, os graduandos foram a campo para iniciar a coleta de dados.

A coleta de dados aconteceu a partir de entrevistas, nas quais estavam sendo realizadas para alcançar a etapa de análise de evidências de validade de um instrumento de mensuração do risco cardiovascular em pessoas vivendo com HIV, em que é caracterizado como um questionário com 36 itens e com opções de respostas dicotômicas (não/sim). O público-alvo dessa atividade foi pacientes que vivem com HIV, com faixa etária de 18 a 59 anos (adultos), e que estavam aguardando atendimento médico no ambulatório.

A vivência foi organizada por meio da divisão dos graduandos em enfermagem, de modo que cada um cumpriria uma escala de turnos. No início, os estudantes que não tinham experiência em coleta de dados eram acompanhados pela responsável pela pesquisa, e posteriormente, à medida que todos se tornavam aptos a conduzir as entrevistas, cada aluno poderia, conforme sua disponibilidade, realizar as entrevistas individualmente ou em dupla.

A coleta de dados foi estruturada em etapas. No primeiro momento, os discentes se identificavam e verificavam se os pacientes que estavam na sala de espera atendiam aos critérios de elegibilidade. No segundo momento, era apresentado o objetivo da pesquisa, o

instrumento, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que era lido e assinado pelas pessoas que aceitavam participar da pesquisa. No terceiro momento, ocorria a aplicação do questionário estruturado, oferecendo-se ao entrevistado a opção de responder sozinho ou com o apoio dos discentes.

Esse estudo atendeu à resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e relata a vivência de graduandos de enfermagem que compõe a equipe de coleta de dados de um estudo que foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da Universidade Estadual do Ceará (UECE) sob número 5.373.180, e do Hospital São José de Doenças Infecciosas (HSJ) sob o número 5.652.735, no ano de 2022.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência durante o período de coleta de dados foi de extrema importância para o processo de ensino-aprendizagem dos graduandos. Nesse sentido, de acordo com Gil (2019), o processo de entrevista como uma das técnicas mais importantes para coleta de dados, consiste na conversação de dois indivíduos (investigador e investigado) e tem como objetivo a obtenção de dados e informações relevantes.

Desse modo, é importante salientar que, inicialmente, tinha-se que abordar estrategicamente para saber se os pacientes do ambulatório tinham HIV ou não, ou seja, era feito uma abordagem sensível para garantir a privacidade e o respeito aos direitos dos participantes da pesquisa.

Nesse sentido, a coleta de dados revelou uma série de desafios e aprendizados significativos para os discentes, contribuindo diretamente para o aprimoramento de suas habilidades clínicas e éticas. Assim, na primeira etapa os discentes demonstraram habilidades para a identificação dos pacientes na sala de espera, apesar de ser o primeiro contato com pesquisa dos alunos, assim como, com um serviço de saúde, foi notável a eficiência na identificação desses clientes, refletindo a capacidade dos alunos em realizar uma coleta rápida e precisa.

Além disso, observou-se uma sensibilidade com relação à privacidade, demonstrando o respeito pelos aspectos éticos e legais envolvidos na pesquisa. Por conseguinte, na apresentação do estudo aos pacientes – segunda etapa –, foram detalhados assuntos referentes à garantia de anonimato e à proteção das informações pessoais. Isso contribuiu para estabelecer um ambiente de confiança e colaboração, essencial para o sucesso da pesquisa e o bem-estar dos participantes.

Segundo Hartigan (2018), a privacidade e confidencialidade são componentes importantes no atendimento ao paciente. Sendo assim, os direitos dos pacientes com relação à vida íntima de suas informações de saúde devem ser respeitados em todos os ambientes. Logo, era explicado aos entrevistados o intuito da coleta, e que os dados obtidos seriam de uso exclusivo para a pesquisa.

Por fim, na terceira etapa, era aplicado o questionário propriamente dito, em que os pacientes recebiam informações sobre como poderiam entrar em contato para esclarecer dúvidas adicionais ou obter feedback sobre os resultados da pesquisa. Essa abordagem visava garantir a transparência do processo, promover a confiança dos participantes e incentivar a continuidade do engajamento com a pesquisa. É importante pontuar também que a maioria dos entrevistados preferiam que os estudantes fizessem as perguntas ao invés deles mesmos responderem manualmente, pois segundo eles, os alunos têm um certo conhecimento na área.

Ademais, ressalta-se o HIV como potencializador de aspectos inerentes às questões morais dos pacientes, visto que os entrevistados, muitas das vezes não se sentiam à vontade por conta do estigma que a doença tem para a sociedade de uma forma geral. Portanto, esse estigma envolve crenças, atitudes e sentimentos negativos em relação às pessoas vivendo com o vírus, seus familiares e pessoas próximas, assim como em relação a outras populações em maior risco de infecção, como gays, homens que fazem sexo com homens, profissionais do sexo, travestis e transexuais (UNAIDS, 2024).

Por conta desses construtos atrelados a essa infecção, essas pessoas têm dificuldade em falar com outros indivíduos sobre o diagnóstico, especialmente com pessoas com as quais possivelmente podem desenvolver algum tipo de relacionamento sexual ou afetivo, com medo de serem rejeitados (Fonseca *et.al*, 2020).

Face ao exposto, essas percepções influenciam significativamente a dinâmica das entrevistas e a disposição dos pacientes para compartilhar suas experiências, criando barreiras emocionais e psicológicas para os pacientes, muitas vezes levando a sentimentos de vergonha, medo de rejeição e discriminação. Esses bloqueios podem dificultar a abertura durante as entrevistas, afetando a qualidade e a profundidade das informações compartilhadas. Nessa experiência relatada, foi perceptível que muitos dos entrevistados não aceitavam participar justamente por vergonha.

Logo, é fundamental que os entrevistadores estejam cientes dessas questões e sejam sensíveis ao contexto do estigma relacionado ao diagnóstico do paciente. Isso inclui o modo de falar, livre de julgamentos e estereótipos, onde os pacientes se sintam confortáveis para expressar suas vivências de forma honesta e aberta. Desse modo, a comunicação é primordial

no cuidado da enfermagem, destacando que o processo de comunicação entre o profissional e o cliente deve buscar desenvolver a assistência de maneira humanizada e empática.

Para Dalcón (2018), além de ser um instrumento básico, a comunicação deve ser desenvolvida e alcançada como competência para o profissional enfermeiro e para os futuros profissionais em formação. Por outro lado, é importante considerar estratégias de comunicação e abordagens diferenciadas para construir uma relação de confiança com os pacientes, demonstrando empatia, respeito pela individualidade e valorização das experiências de vida de cada pessoa entrevistada.

Portanto, trabalhar com pacientes vivendo com HIV possibilitou aos alunos de graduação uma série de aprendizagens, como compreender a importância do acolhimento e da escuta ativa, desenvolver habilidades de comunicação não verbal para transmitir conforto e segurança, e entender a importância da ética profissional no contexto de saúde.

Essas experiências não apenas contribuem para o crescimento profissional dos estudantes, mas também para uma assistência de enfermagem mais humanizada e centrada no paciente. Além de que, o processo de coleta de dados trouxe benefícios aos discentes quanto ao contato com a pesquisa científica, concomitantemente a assistência ao paciente, especialmente no que diz respeito à fala e comunicação, e com isso, ajudou no processo de interação com os pacientes bem como a confiança de falar em público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação de integrantes do curso de enfermagem do grupo de pesquisa CEDIP durante a realização da coleta de dados com pessoas vivendo com HIV, foi um momento oportuno para a consolidação de atitudes ético-humanísticas, que são pilares das abordagens de assistência do enfermeiro.

Esse breve momento dentro das etapas da realização de um projeto de pesquisa, ainda como graduandos de enfermagem, gerou uma oportunidade de experienciar e conhecer um hospital de referência em doenças infecciosas. Além de um primeiro contato e estabelecimento de uma relação profissional-paciente, o que somente seria possível em momentos posteriores dentro da graduação, que por sua vez é imprescindível no campo de aprendizagem de futuros profissionais da enfermagem.

REFERÊNCIAS

ACHHRA, A.C., *et al.* Assessing Cardiovascular Risk in People Living with HIV: Current Tools and Limitations. **Current HIV/AIDS Reports**, v. 18, n. 4, p. 271–279, 2021.

BEGUI, Janaína Reconello *et al.*. Pesquisa como princípio científico e educativo na formação do enfermeiro. **Periódicos UEM**. Ciência, cuidado e Saúde, v19, i0.48380, 2020.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico**. HIV e Aids 2023 — Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Disponível em: <Boletim Epidemiológico - HIV e Aids 2023>. Acesso em: 21 Mar. 2024.

BRASIL. **Legislação Federal**. Senado Federal. Disponível em: <Lei nº 12.984 de 02/06/2014>. Acesso em: 21 Mar. 2024.

COSTA, A.C.M da. O papel do enfermeiro na saúde pública. **Revista de Políticas Públicas (SANARE)**. COPISP, v14, s.1, 2015.

CRUZ, M.L.S *et al.* Estigma relacionado ao HIV entre jovens em transição para a clínica de adultos num hospital público no Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2653–2662, 2021.

DALCÓL, C., *et al.* COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM: PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ENFERMAGEM. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 3, 2018.

Estigma e Discriminação - UNAIDS Brasil. **UNAIDS Brasil - Website institucional do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) no Brasil**. Disponível em: <<https://unids.org.br/estigma-e-discriminacao/>>. Acesso em: 21 Mar. 2024.

Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil - UNAIDS Brasil. UNAIDS Brasil - Website institucional do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) no Brasil. Disponível em: <Estudo revela como o estigma e a discriminação impactam pessoas vivendo com HIV e AIDS no Brasil>. Acesso em: 21 Mar. 2024..

FERNANDES, Ítalo; BRUNS, M.A. de Toledo. Revisão Sistematizada da Literatura Científica Nacional Acerca da História do HIV/ AIDS. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v32, p.67, 2021.

FONSECA, L.K. da Silva; SANTOS, J.V. De Oliveira; ARAÚJO, L.F. de. Análise da estigmatização no contexto do HIV/AIDS: Concepções de Pessoas que Vivem com HIV/AIDS. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 1–15, 2020.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. [s.l.: s.n.], 2019

HARTIGAN, L. *et al.* Patients' perception of privacy and confidentiality in the emergency department of a busy obstetric unit. **BMC health services research**, v. 18, n. 1, p. 978, 2018.

LIMA, J.O.R et al. A formação ético-humanista do enfermeiro: um olhar para os projetos pedagógicos dos cursos de graduação em enfermagem de Goiânia, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 15, n. 39, p. 1111–1126, 2011.

MOURA, M.S.S.; *et al.* A arte de escutar: nuances de um campo de práticas e de conhecimento. **Revista Terceiro Incluído**, v.6, i1.40739, 2016

PEREIRA, J. G.; *et al.* A Confidencialidade das Informações dos Usuários nos Serviços de Saúde na Percepção de Estudantes e Preceptores de Enfermagem. *In: Blucher Medical Proceedings*. [s.l.]: Editora Edgard Blücher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/medpro-cihhs-10385>>. Acesso em: 24 Mar. 2024.

PHD, Instituto. **A importância da coleta de dados**. Instituto PHD. Disponível em: <A importância da coleta de dados | Instituto PHD>. Acesso em: 21 Mar. 2024.